REVISTA PLURAIS PPG IELT e-ISSN 2238-3751

.

APONTAMENTOS SOBRE ESCOLA E SOCIEDADE

NOTES ON SCHOOL AND SOCIETY

Jeová Braga dos Santos

Mestre em Educação pela FacMais de Inhumas/GO (EIPE, 2022, orientado pelo Dr. Marcelo Máximo). Possui formação multidisciplinar com graduação em: Matemática (UEG) e Pedagogia (FAEL). Atualmente é professor - Colégio Estadual José Valente. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas (Turma 2020/2).
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0515-4389
E-mail: jeova@aluno.facmais.edu.br

Resumo

Nascido das discussões no curso de mestrado este texto fala sobre a origem e a função da escola em sua origem e nos dias atuais. Procura-se evidenciar que a escola não acompanhou a evolução da sociedade, se afastando daquilo que ela busca nas pessoas atualmente. Partindo do surgimento da escola na época moderna e as transformações que sofreu durante o desenvolvimento da sociedade, para tanto vamos passear por autores que abordaram a escola em diversos momentos, como Foucault no início da modernidade, com Althusser no auge do capitalismo industrial, com Freud dando uma base para a compreensão da cultura de massa que se impõe nestes períodos e terminando com Illich e sua fala sobre a inadequação das escolas para promover o fenômeno da educação. Tem-se como ponto de partida desta discussão de que a sociedade é uma construção humana, e que se altera com o tempo, em Foucault temos a estrutura formada para separar, vigiar e domesticar o ser humano, em Althsser, temos a função de reproduzir os meios de produção, em Freud temos os elementos psicológicos que unem estes elementos e em Illich temos a crítica do que a escola se tornou como o centro que detém e controla o fenômeno da educação e, portanto o limita, não sendo capaz de produzi-la com os alunos da atualidade. A necessidade de se colocar o aluno diretamente em contato com as experiências que geram o fenômeno educativo foi apontado pelas discussões como elemento fundamental para se reverter o quadro em que se encontra a educação em nossos dias.

Palavras-chave: escola; ideologia; educação.

Abstract

Born out of discussions in the master's course, this text talks about the origin and function of the school in its origins and nowadays. It seeks to show that the school has not followed the evolution of society, moving away from what it seeks in people today. Based on the emergence of the school in the modern era and the transformations it underwent during the development of society, we are going to walk through authors who have addressed the school at different times, such as Foucault at the beginning of modernity, with Althusser at the height of industrial capitalism, with Freud providing a basis for understanding the mass culture that prevails in these periods and ending with Illich and his talk about the inadequacy of schools to promote the phenomenon of education. The starting point of this discussion is that society is a human construction, and that changes over time, in Foucault we have the structure formed to separate, watch over and domesticate the human being, in Althsser, we have the function of reproducing the means of production, in Freud we have the psychological elements that unite these elements and in Illich we have the critique of what the school has become as the center that holds and controls the phenomenon of education and, therefore, limits it, not being able to produce with today's students. The need to place the student directly in contact with the experiences that generate the educational phenomenon was pointed out by the discussions as a fundamental element to revert the situation in which education finds itself today.

Keywords: school; ideology; education.

INTRODUÇÃO

Levantar pontos de discussão sobre a escola e sua inserção atual na sociedade seria a ideia central deste trabalho, nascido das ideias discutidas durante os encontros, da disciplina Questões Contemporâneas da Educação, ministrada pelos professores Dr. Ronaldo Manzi e Dra. Selma Regina Gomes, nos quais houve discussões sobre as leituras, experiências de vida, pontos de vista e as reflexões sobre o modo como a sociedade se organiza. Destes encontros sempre precedidos por leituras e reflexões feitas sobre os mais instigantes assuntos, a começar pela naturalização, tivemos acesso a uma gama de conceitos que ajudam a entender a sociedade atual, em especial os aspectos psicológicos, sempre negligenciados em outros cursos, ganharam destaque que sua contribuição merece, em especial para elucidar certos comportamentos humanos, como se pode perceber pelas discussões sobre o ressentimento e a servidão voluntária.

Mas o foco aqui ficará com a escola, onde se busca separar este conceito do da educação, onde se fará uma busca de sua origem, bem como analisando o seu desenvolvimento, chegando ao momento atual, procurando pelas analises destes dados,

entender os desafios que a escola, como algo que foi criado para atender as demandas de uma época, enfrenta neste momento.

Vamos analisar as ideias de Foucault sobre a disciplina que ele apresenta no livro vigiar e punir, uma característica do período moderno, mas ele aponta a domesticação e a instrução como fundamentos destes, mas estes objetivos da escola evoluíram como nos aponta Althusser, em seu texto ideologia e aparelhos ideológicos do estado, onde o objetivo da escola passa a ser o da reprodução dos meios capitalistas industriais, em ambos os pesquisadores, temos um elemento em comum a formação de uma cultura de massa, onde as pessoas passam a ter um comportamento regido pelos mecanismos de controle emocional sobre esta massa, que iremos analisar em Freud e seu texto sobre a psicologia das massas. Finalizamos com uma discussão das ideias de Illich e seu livro sociedade sem escolas, que parte do pressuposto que o fenômeno educativo não pode ser atingindo por escolas que seguem um modelo de sociedade que não existe mais.

Durante o curso, houve muita discussão sobre adequação da escola a sociedade que a cerca, de como a escola serve para a preparação para a submissão e para o trabalho, e mesmo estes elementos não estão tão em acordo com o mundo atual, em uma sociedade capitalista financeira, o trabalhador vem se tornando um elemento cada vez mais dispensável, e as habilidades e competência que se exigem para o mundo do trabalho, a cada dia ficam mais distantes da realidade da maioria da população, o que vem aumentando o número de excluídos, creio que analisar a escola e sua evolução pode mostrar como esta instituição se afastou de seu elemento fundamental que seria o fenômeno educativo em prol de uma política engessada de transmissão de informações que não se adequam a realidade em que os alunos se inserem.

Como fontes para este texto temos as leituras dos livros Vigiar e punir de Michel Foucault, Ideologia e aparelhos ideológicos do estado de Louis Althusser, Psicologia das Massas e Analise do Eu e outros textos 1920-1923 de Sigmund Freud e Sociedade sem Escolas de Ivan Illich, bem como as discussões realizadas nos encontros onde estas ideias apresentadas nos livros ganharam vida com as diversas experiências profissionais e de vida dos participantes.

A estratégia das aulas era permitir uma discussão aberta sobre o entendimento dos textos, buscando em exemplos vividos o que os comprovassem ou que os negassem, em um primeiro momento se atuava como no método dedutivo, se juntava ideias aqui e

ali para confirmar uma ideia que já estava presente, mas este caldeirão de ideias também permitiu a indução de novas visões sobre o mundo, pois ao testar as bases que os alunos acreditavam ser a realidade permitiram que a dúvida nascesse e com ela uma nova visão de mundo.

Este diálogo entre os autores e a diversidade de experiências daqueles presentes nos encontros não deram respostas sobre a sociedade, pois não era sua intenção primária, mas dotou aqueles participantes com elementos para poder ver além das aparências e o poder para julgar o que lhes é apresentado, lembrando que a dúvida, a curiosidade, a busca pelo conhecimento são os elementos que permitem uma visão mais completa deste mundo feito com tantas camadas.

FOUCAULT E A DISCIPLINA

Foucault faz uma análise da sociedade dos séculos XVII e XVIII, buscando perceber os elementos que a constituem, bem como as mudanças que estão ocorrendo, é um período conhecido como modernidade, onde as estruturas feudais são deixadas de lado e se passa ao capitalismo industrial, e este autor nos traz a ideia de uma sociedade disciplinar se formando neste tempo. Aqui vamos traçar os elementos básicos da sociedade disciplinar em Foucault e traçar elementos com a escola, cujos moldes seguidos atualmente têm sua origem principalmente nesta época. Para descrever a sociedade disciplinar este filósofo se vale de quatro ideias, o quadro, a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame.

O autor fala da importância que a sociedade deu a formação dos chamados corpos dóceis, que seriam pessoas preparadas para aceitar seus papeis e posições dentro da sociedade, e para tanto ele descreve a importância da criação da individualidade, que é uma característica que distingue esta época da anterior, onde as pessoas eram amontoadas e não tinham o que hoje chamamos de privacidade, mas estas relações horizontais entre as pessoas era um obstáculo para o tipo de sociedade e de cidadão que se foi construindo neste período.

Passemos a analisar estas características da sociedade disciplinar de Foucault.

O QUADRO

Na sociedade disciplinar ocorre uma inversão no conceito da visibilidade do poder, antes o poder precisava ser o mais visível possível para que todos se lembrassem de que desafiá-lo era perigoso. Mas o conceito de disciplina busca um poder que não se percebe facilmente, que busca um controle na escala do detalhe, afetando a todos com uma estrutura que buscava o máximo de economia possível, mas provocando uma coerção ininterrupta, mesmo que as vezes não fosse perceptível, e para tanto se preocupava mais com os processos do que com os resultados em si.

Foucault nos aponta que a disciplina era diferente da escravidão por não ser forçada, era diferente da servidão por não ter como objetivo único gerar um trabalhador submisso, tanto físico como mentalmente. A disciplina busca aumentar à força física, a cultura, a preparação das pessoas e neste processo ainda diminuir o poder pessoal de cada um.

Para conseguir atingir estes objetivos, o primeiro passo apontado por Foucault foi o estabelecimento de que foi chamado de quadro, termo comum hoje em dia quando falamos em quadro de funcionários, de alunos, de participantes, etc, mas que quer uma novidade importante para o estabelecimento da sociedade disciplinar. O quadro divide as pessoas de diversos modos, sua posição física, ou seja, o local onde deve estar, depois divide o tempo destas pessoas montando os horários em que deve atuar, e neste tempo temos o terceiro elemento, o quadro diz o que e como algo deve ser feito, com base em tudo isso o quadro dispõem as pessoas para realizar seu intento, unir as diversas funções para realizar aquilo que deseja, seja produzir um aparelho, treinar soldados, educar alunos, socializar criminosos ou cuidar de doentes.

DISTRIBUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS NO ESPAÇO

A primeira necessidade percebida pela sociedade moderna, era que a população estava solta, sem controle, e era preciso haver um controle melhor sobre eles, tal processo começa com os doentes, os presos e os soldados, grupos de pessoas cuja mobilidade trazia problemas a todos, mas com o tempo se estende a praticamente todos.

Foucault aponta a necessidade das cercas no início da idade moderna, ou seja, de um local separado e controlado que confinaria certa população para atingir

determinado fim. Lembra muito como definimos uma escola atualmente, mas no início da modernidade era preciso tal mecanismo para conter as tropas de soldados, que roubavam, estupravam e eram mal vistos pelas cidades onde estacionavam, esta separação e o controle da disciplina sobre os soldados muda a visão que as populações têm destes com o tempo.

Mas para se ter o controle de uma população destas, não basta a cerca é preciso controlar as trocas de informações entre eles, que podem gerar tensões entre grupos internos, para tanto a sociedade disciplinar se vale da clausura, um local destina a uma pessoa dentro da cerca, onde se controla o fluxo de informações. O que se busca é o isolamento individual de cada pessoa, de tal forma que só possa receber informações de quem comanda o acampamento.

Além destes dois aspectos um terceiro se mostra muito importante, o acampamento tem que ser funcional, ou seja, tem que ter atividades a serem feitas que vão ocupar mãos e mentes, pode ser um treinamento, uma construção, ou mesmo, cantar uma música, mas o quadro deve ser pensado na função a que se destina para ter sucesso. Em uma escola, temos uma sala retangular, com carteiras individuais e um professor olhando a turma enquanto esta estuda, em um hospital temos a enfermaria com várias camas, mas que podem ser isoladas por cortinas, e uma enfermeira pode verificar o estado de vários pacientes ao mesmo tempo, em um fábrica temos uma linha de produção com os funcionários em uma fila que pode ser facilmente conferida pelo gerente, entre tantas outras funções que um quadro pode desempenhar.

Outro elemento importante do quadro são as promoções, que significam ocupar outra posição dentro dele se conseguir atender as expectativas dos superiores, esta espécie de recompensa é importante para tornar o quadro um organismo vivo, aqueles dentro dele não percebem o mundo fora dela pois tem muito o que fazer ali dentro.

O TEMPO DENTRO DE UM QUADRO DISCIPLINA

O primeiro elemento apontado por Foucault é o horário, que é uma inspiração vinda dos monastérios, onde se estabelecia os cortes no dia a dia dos membros, bem como se obrigava cada membro a ocupações determinadas e regulavam os ciclos em que as ações se repetiam.

Mas o controle do tempo ia, além disso, os atos executados passam a ser controlado pelo tempo, tal como uma tropa marchando, o modo como se coloca os parafusos em um aparelho, tudo tem uma norma para ser feita, dentro de um tempo calculado. O que se busca aqui é um meio de produzir mais eficientemente as ações, não deixando que cada um escolha como fazer, mas treinando a todos fazerem do mesmo modo, e desse modo poder comparar e classificar as pessoas no tocante entre as pessoas de um grupo. Para isso se busca uma utilização exaustiva, um treinamento.

O tempo aqui passa a ter um valor diferente do antigamente, a maneira como o tempo era gerido na idade média é visto negativamente, como se estivessem perdendo tempo, na sociedade disciplina se busca exaurir o tempo, e para isso ele é dividido e preenchido com ações programadas buscando acostumar as pessoas a ele até o automatizar estas ações.

As pessoas postas dentro deste local, isoladas, com o tempo controlado e com o que fazer sendo monitorado a cada momento, acabam se tornando dóceis, e podem ser moldados por estes novos mecanismos do poder, obtendo novas formas de saber.

GÊNESE DENTRO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR

O autor define a gênese como sendo uma nova técnica para a apropriação do tempo dos membros dentro de um quadro, onde se rege as relações do tempo, dos corpos e das forças, promovendo uma acumulação de habilidade durante a duração do tempo dentro desta estrutura, com o objetivo de converter em lucro ou em utilidade sempre aumentados à medida que o tempo passa.

Para tanto temos diversas técnicas, mas que podem ser resumidas em primeiro dividir uma habilidade ou técnica em segmentos, sucessivos um após ou outro, ou paralelos, com parte das pessoas fazendo uma atividade e parte fazendo outra e depois trocando, mas o importante aqui é que independentemente de qual estilo sejam escolhidos estes devem chegar a um fim específico, bem conhecido e que eleva aquele que concluiu a um patamar acima dos que não terminaram ou não conseguiram. O segundo passo é organizar o treinamento ou estudo de um modo analítico, deixando de ser exemplar, como na idade média, onde se buscava aprender todo o oficio, como por exemplo, um tapeceiro tinha que aprender a fazer o fio, a tratá-lo e a trançar, agora, o treinamento é elementar, se aprende um elemento de cada vez e desse modo se pode

controlar aquilo que se está estudando. O terceiro elemento é finalizar os segmentos temporais, fixando uma prova para medir o nível a ser atingindo pelos participantes, desse modo se pode verificar se está em conformidade com os colegas e diferenciar as capacidades de cada indivíduo.

A gênese neste caso é uma habilidade, técnica ou conhecimento adquirido dentro do quadro e que permite que uma pessoa mude suas posições dentro do quadro.

MELHORA DA EFICIÊNCIA DENTRO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR

A modernidade trouxe uma nova exigência para a disciplina atender, era preciso fazer uma estrutura que permitisse obter resultados melhores usando a mesma quantidade de pessoas, vejamos na idade média, para dobrar a produção de tapetes, era preciso dobrar o número de tapeceiros, mas para se treinar um tapeceiro se gastava anos, na época moderna, se divide o trabalho do tapeceiro em diversas etapas, e cada etapa é feito por uma pessoa, que só precisa aprende a fazer aquela atividade e desse modo seu treinamento é mais simples, e o resultado é mais rápido, e como o trabalho é dividido a eficiência aumente, podendo ter uma produção muito maior. Então o quadro disciplinar reduz as pessoas a estes elementos, um trabalhador de uma fábrica de tapetes não é um tapeceiro, ele não saber fazer um tapete sozinho, ele domina uma das etapas e como seu trabalho é repetitivo ele produz mais.

Desse modo o resultado de todo o investimento nestes quadros é o de compor as forças e elevar a produção ao máximo, fazendo alguns passos importantes, em primeiro lugar um corpo singular se torna um elemento, o qual se pode combinar com outros, estas peças tem uma evolução cronológica e podem ser usadas em tempos diversos, aprendendo, trabalhando ou ensinando. O terceiro elemento é um sistema preciso de comando.

Temos então o primeiro elemento trazido à tona pela disciplina uma individualidade que não existia em tempos anteriores, sendo esta individualidade, celular, pois estão confinados em um local e num tempo, é orgânica, pois são separados por suas funções, é genética, pois evolui com o tempo, sempre aprendendo novas habilidade e é combinatória, pois combina as forças de diversas pessoas para realizar uma atividade.

Foucault aponta que tais técnicas geram os chamados corpos dóceis e melhora a produção, algo importante, nesta época onde ocorreu a revolução industrial, mas saliente que o uso das técnicas de disciplinares garantiram a paz social dentro de suas nações.

VIGILÂNCIA HIERÁRQUICA

Falamos sobre a individualidade criada pela sociedade disciplinar, na busca por corpos dóceis que podem ser moldados, em um sistema de ensino que pode ser mais eficiente por sua elementaridade e sua gênese, e na melhora na produção por unir as forças dos elementos produtivos. Mas precisamos falar agora a respeito dos elementos que mantém esta estrutura unida, que exercem a coação sobre todos os que dela fazem parte, e como primeiro desses elementos vamos falar sobre a vigilância hierárquica, que pode ser exercida por um simples olhar ou comando elaborado previamente.

Dentro da sociedade disciplinar existe um elemento fundamental que é a hierarquia, existe uma cadeia de posições e quem está em uma posição mais elevada responde por aqueles abaixo de si, e por isso deve zelar para que eles não falhem em suas atividades. Este que ocupa uma posição hierárquica acima dos outros, detêm uma parte do poder, mas este poder está ligado a vigilância que faz dos que estão abaixo. Ou seja, não é um poder livre, mas vinculado a uma função dentro de todo o sistema.

Este sistema se distribui no espaço de tal forma a permitir que um superior tenha a visão completa de seus comandados, tal qual uma sala de aula, um pátio de treinamento de soldados, uma enfermaria, uma fábrica. Foucault nos aponta os acampamentos militares, como locais para o estudo desse tipo de vigilância, foram tão importantes quanto os aparelhos óticos para o estudo da luz.

Essa ideia de vigilância afetou mesmo a arquitetura da época, onde se converte para permitir uma vigilância mais efetiva, promovendo o controle e o adestramento. As fortalezas antigamente eram feitas para impedir a entrada dos inimigos, as novas agora, permitiam a vigilância de quem estavam dentro delas.

Esse tipo de vigilância se configurou como um operador econômico decisivo dentro das novas fábricas que surgiam nesta época, sendo ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção, pois os que obedecem querem chegar a chefe e os

chefes não querem perder suas posições, e externamente uma engrenagem específica do poder disciplinar, pois a estrutura se espalha em todos os meios sociais neste período.

Desse modo todos acabam ficando preso em uma espécie de rede de vigilâncias.

A SANÇÃO NORMALIZADORA

Foucault aponta a sanção normalizadora como importante peça na coação dentro do sistema disciplinar. A era moderna trouxe muitas novidades, e uma desta era a igualdade entre os homens, prevista em lei, o que geraria uma série de problemas para a sociedade que se formava, que tinha por base a diferença entre as pessoas, então foi criado a norma dentro do sistema disciplinar, a lei não podia exigir certo tipo de atitude das pessoas, mas dentro de um sistema autônomo da lei se podia baixar normas que todos deveriam seguir e desse modo poderiam haver punições não previstas pelas leis, tais como questões de tempo, o chegar atrasado, ou fazer as atividades mais devagar, a própria maneira de ser, se exigindo certa postura das pessoas, os discursos eram medidos e controlados pelas normas, mesmo questões do corpo e da sexualidade podiam ser punidos nesta instancia, é claro que dentro do sistema disciplinar, a coerção procura ser o mais discreta possível, buscando sempre a invisibilidade de preferência.

O autor deixa claro que a existência da norma transcende as leis feitas pela justiça, onde há o proibido, dentro da norma há um conceito de bem e mal, onde não seguir a norma é algo errado por ser mal, que vai contra todo o sistema, o que torna difícil o não seguimento destas. Algo semelhante ao que ocorre com as regras sociais não escritas.

Para tanto o uso da norma permite que a punição possa ser aplicada somente quando a pessoa se afasta daquilo que se espera dela, o que aparenta ser algo justo, que haveria um acordo e que ao entrar naquela organização tem que se aceitar tudo o que já está consolidado. Desse modo a função do castigo é reduzir os desvios da norma imposta, tanto de quem comete os desvios, quanto daqueles que não cometeram, mas tem um reforço das consequências que podem advir do não cumprimento das mesmas.

Em geral a punição é do tipo corretivo, em geral se refazendo aquilo que deixou de ser feito, ou que foi feito de modo errado, e desse modo esta punição não é uma vingança pela lei ultraja, mas a sua repetição, para que sua influência seja redobrada.

A sanção normalizadora opera em um sistema duplo, integrando a gratificação e a sanção. Os que obedecem às normas podem receber uma gratificação, o que já reforça a adesão às mesmas, mas o não comprimento, mesmo que não intencional, como a pessoa que é lenta para realizar certa tarefa, mas não por não estar em desacordo com as normas, pode ser punido, este é um sistema muito usado em treinamentos e na manutenção da produção.

Outro elemento da sanção normalizadora apontada pelo autor é a da divisão e classificação das pessoas de acordo com o grau de proximidade com a norma, onde se nota um duplo papel, onde um destes seria o de marcar os desvios e hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões, e o outro seria o de promover os castigos e as recompensas. Sendo que esta classificação agindo como uma recompensa ou punição.

Esse duplo papel gera um duplo ganho, pois permite a divisão entre pessoas com comportamentos semelhantes, que se reforçariam, bem como permite se criar uma pressão para aqueles que estão afastados da norma procurem melhorar.

Foucault nos fala que dentro de uma perspectiva disciplinar, a norma tem funções mais importantes do que a punição, ele elenca cinco operações bem distintas que são postas em funcionamento dentro da estrutura, e que coagem ao comportamento requerido, vejamos estes pontos.

Primeiro, permite se relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto que ao mesmo tempo compara, diferencia e mostra o princípio da regra que deve ser seguida.

Segundo, diferencia os indivíduos em relação uns aos outros em função da regra conjunta.

Terceiro, mede em termos quantitativos ou hierárquicos os indivíduos.

Quarto, funciona através dessa medida valorizadora, como uma coação que busca impor uma conformidade a todos, que passa a ser vista como algo que permite a organização crescer.

Quinto, traça o limite que definirá o que é o normal.

E neste processo as pessoas são normalizadas e passam a aceitar a perda de sua liberdade, de direitos mesmo tendo as garantias de igualdade perante as leis. Usa-se aqui o poder da norma, que introduz toda uma gradação das diferenças individuais como sendo frutos de um imperativo útil e resultado de uma medida aceita dentro da estrutura disciplinar.

O EXAME

Segundo Foucault tem-se no exame a junção entre uma hierarquia que vigia e a sanção que normaliza, podendo-se dizer que é um controle normalizante, sendo configurado como uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir, um elemento fundamental dentro da estrutura disciplinar.

Para tanto é um processo altamente ritualizado e valorizado dentro da estrutura disciplinar, sendo uma cerimônia do poder, onde o grau de pessoas pode ser aumentado, e, portanto é uma forma da experiência, onde o poder se revela ao dar aqueles à oportunidade de serem elevados, e como temos o poder se revelando, temos uma demonstração de força deste, pois o exame tem uma estrutura para lhe dar a confiabilidade de seus resultados, e que por ele se estabelece a verdade sobre aqueles que merecem ou não estar ali.

O exame atinge o ponto máximo da sujeição e da objetificação do indivíduo dentro da estrutura disciplinar, era precisa se submeter às regras para poder fazer o exame e este lhe confere um título ou uma posição que acaba por substituir sua própria imagem, fazendo parte de sua identificação e do seu poder pessoal, assim a pessoal se torna um médico, um professor, um engenheiro, um gerente, um chefe de seção, etc. O exame é o que lhe permite obter e constituir um determinado saber, sem esta qualificação não se reconhecesse os saberes das pessoas.

Para o autor temos algumas propriedades importantes dentro do exame que revelam pontos centrais da sociedade disciplinar, o primeiro é o de que o exame inverte a economia da visibilidade no exercício do poder, pois nele quem fica visível é quem se submete, quem faz o exame tem sua vida analisada e registrada naquele momento. E desse modo, temos um segundo elemento, que vem a completar o primeiro, o exame faz a individualidade entrar num campo documentário, ou seja, cada momento da vida pode é registrado, na escola, na fábrica, no hospital, se mantém registros de todos os movimentos, o que acaba permitindo um controle e um conhecimento sobre as características de dadas pessoas, bem como a distribuição dessas dentro de uma população.

Desse modo Foucault nos informa que o exame como um ponto dentro da cadeia de eventos disciplinares, torna cada indivíduo um caso que pode ser isolado e estudado, em especial quando este se afasta da norma, se tornando ainda mais visível. Esta

estrutura exerce uma coerção suave e constante, sem a necessidade de estruturas para intimidar ou espetáculos de força, sendo um método de dominação bastante econômico do ponto de vista do poder.

O que se incentiva na sociedade disciplinar não mais o herói, mas sim criar aqueles que se sujeita e objetifica para ser parte desta estrutura, assumindo seu lugar e exercendo suas funções.

> Finalmente, o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para o qual a diferença individual é pertinente. (FOUCAULT, 1987, p. 160).

Foucault não coloca sua opinião sobre os elementos que apresenta aqui, ele apenas aponta para o modo como a modernidade se estruturou, não fez a transposição de suas ideias para a educação, mas não é complicado perceber os elementos da sociedade disciplinar dentro da escola, um lugar onde as pessoas são separadas por idade, que precisam cumprir metas para serem promovidas, onde existe o controle do que é feito, onde existe uma vigilância hierárquica constante, onde não seguir as normas pode gerar punições e segui-las pode gerar gratificações e toda a estrutura foi construída em torno do exame, as semelhanças entre a sociedade disciplinar e a escola são gritantes.

Mas Foucault nos fala da geração de corpos dóceis, para que com eles se possa sujeitá-los e objetificá-los, com o intuito de aumentar o controle, o poder sobre o povo, e a produção ao mesmo temo e com o máximo de economia possível, ele não debate outras funções da escola, e para continuarmos com nossas reflexões vejamos as ideias de outro pensador.

ALTHUSSER E A REPRODUÇÃO DOS MEIOS DE PRODUÇÃO

Em Althusser buscamos a função da escola, a estrutura desta já nos foi apresentada por Foucault, mas precisamos agora nos aprofundar naquilo que a escola se presta na sociedade que foi estabelecida na modernidade. Foucault estudou até o século XVIII e agora estamos no século XIX, onde o capitalismo industrial se encontra consolidado e em franca expansão pelo mundo.

Se baseando nas ideias de Marx, Althusser nos fala de um novo momento social, neste caso não temos uma estrutura social nascente como vimos no autor passado, mas uma estrutura formada e que busca se manter ativa.

SOBRE A REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DA PRODUÇÃO

Althusser apresenta a ideia de que para uma formação social se manter ela precisa reproduzir as condições da produção ao mesmo tempo em que produz, ou seja, juntamente com a produção da sociedade, seja de produtos de uma fábrica, de novas casas, de novos alunos, esta sociedade precisa produzir as condições para manter esta produção, isto significa tanto as questões materiais, e mais importantes aos seres que movimentam esta estrutura, que seriam as pessoas, então existe uma corrente para encontrar pessoas para substituírem aquelas que envelhecem ou morrem.

O autor afirma então que a condição última de um modo de produção de qualquer sociedade é, portanto, a reprodução das condições da produção. Esta reprodução pode ser simples, onde se busca reproduzir e manter apenas as condições da produção existentes, ou do tipo alargada que busca aumentar a capacidade de produção enquanto as reproduz. Desse modo pode-se afirmar que, para existir, toda a formação social deve, ao mesmo tempo em que produz, reproduzir as condições da sua produção. E para isso é preciso reproduzir as forças produtivas, ou seja, as pessoas, as máquinas e os insumos, bem como as relações de produção existentes, ou seja, o modo como as pessoas se distribuem nesta sociedade.

REPRODUÇÃO DOS MEIOS DE PRODUÇÃO

Recorrendo a Marx que fez uma demonstração no Livro II em seu O Capital, Althusser afirma que não há possibilidade de uma produção estável sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção, ou seja, a reprodução dos meios de produção. Isto se torna necessário diariamente, se falta insumo ou a máquina quebra, a produção cessa, é um trabalho diário a reprodução destes meios, e não algo que demandaria anos como se pode pensar atualmente.

Neste momento o autor se concentra nas condições materiais do modo de produção, e se costuma imaginar que tal ocorra dentro de uma empresa, mas como apontado por Marx não é no nível da empresa que a reprodução das condições materiais da produção deva ser vista, pois a empresa é um efeito da reprodução do modo, ele busca em outros locais os equipamentos e insumos para seu funcionamento. Então a reprodução se dá fora do ambiente de uma empresa, mas se reflete em seu funcionamento.

REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Neste momento o autor começa a tecer as considerações sobre a reprodução da força de trabalho, afirmando que estas são as forças produtivas e são distintas dos meios de produção. Esta reprodução se passa inteiramente fora do reino da fábrica ou da empresa, mas pode ser resumido em dois desafios, o primeiro é fazer o trabalhador voltar todos os dias para sua função, e o segundo e obter um substituto para este quando não pode mais fazer sua função.

O texto aponta que é assegurada a reprodução da força de trabalho dando a este o meio material para se reproduzir, ou mais comumente chamado de salário. A fábrica não afirma em momento algum que paga para isso, que este pagamento é para a reprodução da força de trabalho, mas o resultado deste pagamento é exatamente este, garantir que o trabalhador possa voltar no dia seguinte para o trabalho, e ainda garantir a alimentação e educação de seus filhos para que possam substitui-lo no futuro. O texto reflete sobre a construção histórica e social deste salário.

Mas vamos a um segundo elemento, substituir a força de trabalho envelhecida ou morta, e aqui não basta o salário para a reprodução deste elemento, é necessário ser

qualificada para ocupar os diferentes postos de trabalho, pois diferentemente dos modos anteriores tais como o escravagista e o feudalista, onde a reprodução se dava na própria produção, pois como as camadas sociais estavam presas e as crianças aprendiam diretamente com os pais, atualmente é preciso um sistema para promover o treinamento e a qualificação destes, entre estes sistemas a escola figura como uma das mais importantes.

A escola por esta visão temos três funções básicas, a primeira é o de ensinar os rudimentos das ciências e os conhecimentos necessários para se fazer o trabalho, a segunda função era promover o uso das regras necessárias para a convivência, e desse modo promove a submissão as normas aceitas socialmente e como terceiro ponto a escola ensina a se comunicar de um modo eficiente para manter as pessoas em seus locais.

Althusser saliente que juntamente com a reprodução da qualificação para o trabalho, é necessário que se reproduza as estruturas sociais, promovendo a reprodução da submissão de todas as regras estabelecidas. Mas esta reprodução criava personagens diferentes dentro da sociedade, temos uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os Operários e uma reprodução da capacidade para manejar esta mesma ideologia dominante para que aqueles que irão liderá-los possam manter o controle sobre os demais usando apenas o poder da palavra, este tipo de poder é resultado das ações feitas pela sociedade disciplinar e usados para promover a reprodução da força de trabalho.

Então voltando a questão da escola, temos a sua estrutura criada pela disciplina e sua função definida pela ideologia dominante do capitalismo industrial. Em ambos os casos, surge um elemento novo, uma sociedade de massas, devemos ver que a disciplina e o capitalismo criaram a individualidade, mas não no sentido de dar liberdade a este indivíduo, mas na realidade isolá-lo, impedindo que tenha contato com os demais, o vigiando e exercendo uma pressão constante para moldá-lo as necessidades da sociedade.

Para continuarmos com nossa discussão sobre a escola, precisamos entender essa sociedade de massa, e para tanto vamos ver o que nos traz outro autor.

FREUD E A PSICOLOGIA DAS MASSAS

Freud inicia suas considerações escolhendo uma massa organizada, duradoura e artificial, que seriam a igreja e o exército. Uma massa organizada precisa de uma estrutura, com pessoas ocupando posições diferentes, duradoura se refere aquelas que existem no decurso de um tempo relativamente longo, onde pessoas podem se integrar e sair, mas a estrutura permanece, e é dita artificial por precisar de uma pressão externa para se manter, a coesão não é uma escolha de seus elementos, e existem fatores que impedem ou desestimula a saída de seus membros.

Por estas características podemos aplicar as ideias apontadas por Freud à escola. O elemento inovador apontado por Freud para explicar estas massas é a presença de líderes, pessoas que unem os membros, fazendo com que eles se sintam parte de algo maior, a semelhança das famílias.

Existe uma relação líbica entre os membros do grupo de massa e o líder, onde todos acreditam que o líder os beneficiará se agirem do modo que se espera, sendo este o sentimento que torna tão forte estes grupos, não são unidos apenas pela razão ou escolha, mas fazem um investimento emocional neste grupo. O que torna possível a aceitação de certas atitudes que ocorrem nestes locais, e a defesa que se faz destas instituições.

Então, em relação a escola, vimos sua estrutura disciplinar, sua função de reproduzir a sociedade e agora percebemos os mecanismos líbicos para a manutenção destas massas formadas. Mas um ponto importante surge, esta escola promove a educação? Em busca desta resposta, vamos ver o que pensa um autor que acredita que é necessário desescolarizar a sociedade.

ILLICH E SUA SOCIEDADE SEM ESCOLAS

Illich começa seu livro explicando o que ele chamou de escolarização, que muitos percebem intuitivamente, mas não conseguem ver o real alcance das ações feitas pela escola, que leva aqueles que cursaram a confundir processo com substância, desse modo, se confunde ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com a capacidade de dizer algo novo, entre outros elementos.

A sociedade escolarizada passa a aceitar serviço no lugar de valor, desse modo cuidar da saúde se tornar tratamento médico, melhorar a vida da comunidade vira assistência social, segurança vira proteção policial, trabalho produtivo vira concorrência desleal. Desse modo estas propriedades se confundem com as instituições que deveriam promovê-las.

A lógica da sociedade escolarizada afirma que quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados e que a graduação leva ao sucesso. Mas o autor procura em seu texto que essa institucionalização de valores, ou seja, a confusão entre quem deve promover e o valor a ser proporcionado acabam promovendo a poluição física, a polarização social e a impotência psíquica, que se revelam em um processo de degradação global e miséria modernizada.

O consumismo que é reforçado quando necessidades não materiais são transformadas em demanda por mercadorias, e esse por sua vez acelera o processo de degradação, tanto da natureza quanto do ser humano, a poluição é aumenta com o aumento das demandas, mas a visão das necessidades de consumo ser vistas acima da capacidade da natureza se recuperar contribui para que a população não aderir aos movimentos de proteção, este consumismo acelera e encobre certos problemas emocionais, que buscam válvulas de escapes, seja em medicamentos, em comida, em roupas, etc. que sem um tratamento adequado acabam piorando. A vida institucionalizada vem se impondo, segundo o autor, pobres e ricos dependem igualmente de escolas e hospitais para dirigirem suas vidas, sendo que estas instituições acabam formando a visão de mundo da sociedade definindo para eles o que é legítimo e o que não é. Desse modo uma pessoa não pode se cuidar sem o apoio dos hospitais, não pode aprender sem as escolas. Toda ação fora das instituições é vista com suspeita. Assim temos uma impotência psíquica nas pessoas, que precisam ter suas ideias provenientes de algum lugar.

As classes menos favorecidas, que sempre foram socialmente impotentes, acabam adicionando uma nova dimensão a seu infortúnio, uma impotência psicológica que deixa incapaz de se defender.

A escolaridade procura institucionalizar tanto a aprendizagem quando o próprio processo chamado educação. O que ela realiza é uma instrução, sendo esta uma escolha de circunstâncias que facilitam a aprendizagem, ou melhor, para dar uma

impressão de aprendizagem, pois na instrução só se repete o que se lhe ensina, não cria algo novo, apenas treina uma ação.

> O sistema escolar repousa ainda sobre uma segunda grande ilusão, de que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. O ensino, é verdade, pode contribuir para determinadas espécies de aprendizagem sob certas circunstâncias. Mas a maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola; na escola, apenas enquanto esta se tornou, em alguns países ricos, um lugar de confinamento durante um período sempre maior de sua vida. (ILLICH, 1985, p. 27).

RITUALIZAÇÃO DO PROGRESSO

O autor propõe que se busque uma definição sobre o que é a escola, e para isso ele elenca suas funções, que seriam a função de proteção, um local onde as crianças ficam em segurança, a função de seleção, onde se dividem as pessoas por idade ou aptidão, a função de instrução, onde se treina as pessoas e a função da aprendizagem, que seria o conhecimento fruto das experiências. Dai Illich (1985) lança a seguinte definição "a «escola» é um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor."

Illich nos mostra como a escola busca exaurir o tempo dos alunos, sempre com atividades para serem feitas em casa, e expandindo a sua duração tanto no número de anos, quanto no de dias dentro deste ano, quanto no de horas dentro do dia. A escola é fruto de outra invenção da modernidade, de acordo com este autor, a infância um momento inteiro de uma vida humana que fica à mercê das escolas, pois o sadio senso comum nos diz que apenas as crianças podem ser instruídas na escola, e dentro destas escolas existe a relação entre professores e alunos, uma relação desigual, onde o primeiro procura moldar o segundo as normas vigentes. O papel do professor dentro da escola assume diversas nuances tais como um guardião, um pregador e um terapeuta. Como guardião ele guia seus alunos pelo mundo escolar e seus traçados labirínticos, promovendo a observância das normas como se estas fossem uma iniciação a vida, e treina os alunos em rotinas básicas. No papel de pregador procura substituir os pais, ou Deus ou o Estado, dando um significado a tudo o que se passa na escola, ensinando o que é o certo e o errado. Como terapeuta o professor pode investigar a vida particular de

seus alunos a fim de torná-los pessoas melhores, de acordo com as normas que a escola defende.

O axioma que rege o funcionamento de uma escola, como uma instituição, é o de que a aprendizagem é o resultado do ensino, e este autor defende que os alunos conseguem grande parte de suas aprendizagens sem o auxílio dos professores, e em muitos casos apesar dos professores, que buscam incutir nos alunos valores que não tem significado para eles.

A escola enquanto instituição está assumindo um papel que antes pertenciam às poderosas igrejas no decorrer da história, sendo ao mesmo tempo o local onde nasce o mito que a sociedade acredita e que é defendido por este sistema, e por isso trabalha institucionalizando as contradições desse mesmo mito, e é o local onde os ritos se reproduzem e buscam esconder as disparidades entre este mito e a realidade.

Tal quais as poderosas igrejas do passado a escola, enquanto instituição busca manter a sociedade do modo como está se apresentando como um caminho que as pessoas podem seguir para vencerem dentro desta. Mas ao buscar controlar o conhecimento, e só permitir voz aqueles que passaram anos dentro de suas rígidas regras, a escola acaba por esconder de todos as verdades sobre o mundo que os cerca e que naturalizaram.

Como tema de minha dissertação trabalharia com as dificuldades atuais no processo ensino aprendizagem, e levantaria a hipótese que o uso das mídias e tecnologias permitiria superar tais dificuldades, estava focado que a origem destas dificuldades era um problema de linguagem, que a escola atual não estava conseguindo se comunicar com os alunos de modo eficiente, mas as discussões no curso, neste semestre mostram que o problema é mais profundo, é estrutural, a escola foi construída sobre bases que não tem mais significado nos dias atuais, e ela se apega a sua forma e fórmulas antigas, é preciso perceber os erros na estrutura, nas funções e nas ligações entre as pessoas promovidas pela escola para se pensar em alguma alternativa.

A solução não está clara ainda, mas para que possa ser construída, é preciso repensar todos os elementos que constituem a educação e a escola atualmente. Um primeiro passo importante seria o de conhecer claramente o que é a escolar e o que é educação, para que se possam separar a instituição deste processo natural do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos ver a evolução da escola no decorrer do tempo, vimos o nascimento de sua estrutura na modernidade em Foucault, enquanto Illich aponta seu surgimento nesta mesma época ligada ao surgimento da infância, mas em ambos temos a ambição da escola em docilizar as pessoas e permitirem que sejam moldadas em objetos úteis a sociedade, passam-se os séculos e com a consolidação do capitalismo industrial, a escola precisa assumir uma função importante e complementar à formação de corpos dóceis e a objetivação do indivíduo, como nos informa Althusser, agora ela precisa reproduzir a força de trabalho, tanto a sua qualificação quanto as estruturas sociais e a submissão presentes nela. Em toda essa evolução temos o surgimento de um elemento social importante, a massa, que apesar do nome indicar algo misturado e disforme, na realidade é formada por inúmeras partes que são isoladas entre si, para que não possam trocar informações e impressões sobre o mundo que os cerca, para se manter estas massas é preciso se usar a presença de um líder que aponta o que deve ser feito e que seja aceito pelos membros desta em uma relação líbica, de acordo com Freud.

Um ponto importante que se ressalta aqui, é o fato de que a educação enquanto fenômeno de aprendizagem do ser humano, não é o foco da instituição chamada de escola, apesar de muitos mitos serem criados para se acreditar que tal processo só ocorra dentro de suas paredes. A escola tal qual as religiões atuais, se apropria de um elemento que pertence a todos e sobre este quer dar as definições que todos devem seguir, e se apresenta como um caminho para um lugar melhor, mas a escola vem caindo em uma série de contradições, por que não consegue prover os anseios daqueles que a frequentam e a cada dia se afasta mais da realidade que a cerca, vimos como a escola nasceu junto com um tipo de sociedade, se estruturando para reproduzir esta sociedade, mas atualmente a sociedade mudou e a escola ainda se prende a suas estruturas e conceitos antigos, o que seria a fonte de seus problemas atuais.

É comum ouvir que o problema é a que a escola não fala mais a linguagem do jovem, e por isso tem-se tanta dificuldade em promover a educação nos dias de hoje, mas o que se precisa ter em mente são as mudanças estruturais que ocorreram na sociedade, o caminho da disciplina, que seria docilizar o ser humano, não é mais viável, reproduzir a força de trabalho em um mundo onde o trabalho está em perigo real de acabar, não é uma solução, acabar com as escolas, espera-se que não seja a solução

também, o que se precisa é encontrar um caminho novo que coloque no centro da questão o desenvolvimento do ser humano e para isso é preciso deixar que ele tenha as experiências necessárias para que possa se educar de modo natural.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença Martins Fontes, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução de Raquel Ramalhete.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise de eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2011. Tradução de Paulo César de Souza.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth.